

O TEMA DA “MORTE DE DEUS” NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE E CAMUS

David Lima Ribeiro
Mestrando em Filosofia – UECE

Resumo: Em *A Gaia Ciência*, Nietzsche (1844-1900), diagnostica que a crença no Deus cristão perdeu crédito. O efeito desse acontecimento, a seu ver, começara a lançar sombras sobre a Europa. Ao considerar esse importante evento na filosofia de Nietzsche, analisaremos quais são essas “sombras”, buscando conhecer as consequências dessa forte consideração em que constata a morte de Deus. É importante salientar que nossa preocupação será principalmente com a questão moral. Esta que acreditamos estar vinculada com a divindade cristã e a noção de verdade. Se assim é, e se considerarmos o fato da morte de Deus, podemos pensar que a moral morreu juntamente com o que existe de mais sagrado à sociedade? Ou seria possível restituir ou buscar por novos valores? Conjuntamente a essas considerações, refletiremos essas questões a partir de Nietzsche e Camus (1913-1960) e, é essencial dizer, que em ambos os autores o tema da morte de Deus é algo em comum. Além disso, pontuaremos o motivo em que Camus visa esclarecer certa diferença de sua filosofia a uma leitura, tida como violenta, da filosofia de Nietzsche. Pois, no seu entender, a má leitura de Nietzsche, num certo sentido (contexto totalitário), pode desenfrear atos de grande violência contra a vida humana.

Palavras-Chave: Deus; Moral; Verdade; Nihilismo.

The theme of "death of God" in the philosophy of Nietzsche and Camus

Abstract: In the Gaia Science, Nietzsche (1844-1900) diagnoses that belief in God has lost credit. The effect of this event, in his view, had begun to cast shadows on Europe. In considering this important event in Nietzsche's philosophy, we will analyze what are these "shadows", seeking to know the consequences of this strong consideration in which he observes the death of God. It is important to note that our concern is primarily with a moral issue. This is a question that we believe is linked to a Christian deity and a notion of truth. If so, and if we consider the fact of God's death, Can we think that the morality died along with what is most sacred in society? Or would it be possible to restore or seek new values? Together with these considerations, we will reflect these questions from Nietzsche and Camus (1913-1960) and, it's essential to say, that in both authors the theme of God's death is something in common. Besides that, we will say the reason Camus aims to clarify a certain difference of his philosophy to a reading, Taken as violent, in a certain sense (totalitarian context), can unleash acts of great violence against human life.

Keywords: God; Moral; Truth; Nihilism.

1. Introdução

Nietzsche, no prólogo de sua *Genealogia da Moral* (1887), comenta que quando garoto dedicou a Deus uma justa homenagem em que fazia deste o “Pai do Mal”. O próprio disse que tal título consistia em sua “*primeira brincadeira literária*” e também seu “*primeiro exercício filosófico*” (NIETZSCHE, F., 2012, p.9). Ainda neste mesmo parágrafo, é apresentada uma preocupação que foi objeto de grande curiosidade e ruminção em diversas obras de Nietzsche, sendo esta: “*a questão de onde se originam nosso bem e nosso mal*”¹. Em certa medida, o mesmo problema que preocupou o filósofo, refletirá em nosso trabalho. No entanto, longe de querer expor uma análise desse escrito de juventude, à qual ele se refere, nosso interesse é evidenciar o problema do valor bem e mal sob a perspectiva da morte de Deus. Para tanto, é preciso, antes de tudo, situar como fora realizada essa questão.

Acreditamos que em *A Gaia Ciência* (1882,1887) essa questão é bem formulada. Nela, um personagem, o homem louco, procura e grita incessantemente por Deus. Indaga onde este pode estar. Em certo momento ele questiona e diz em meio aos homens: “Para onde foi Deus?, gritou ele, “já lhe direi” Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos os seus assassinos. Como o matamos?” (NIETZSCHE, F., 2012 p.137). Enfim, pode-se desse acontecimento indagar, é possível matar Deus? Ou em que sentido esse acontecimento torna-se evidente para a filosofia de Nietzsche e, mais tarde, em Albert Camus?

Ao constatar esse acontecimento, o filósofo alemão, aponta que esse evento é demasiado grande. Sendo bastante difícil adivinhar todos os seus efeitos. Contudo, podemos nos perguntar: o que significa este evento? Ou, que Deus é este? Uma possível

¹ Cf. Nietzsche. *Genealogia da Moral*, §3 – Prólogo.

resposta é que, para Nietzsche, o Deus cristão é o fundamento mais valoroso da moral europeia. Estando este ser profundamente enraizado nos valores de toda uma cultura. Situá-lo revela qual Deus o autor de Zarathustra reflete, e, no caso, ele se refere à moral cristã. Precisar isso é importante, pois torna claro à que Deus Nietzsche se direciona, à que moral suas indagações são formuladas. E na direção de buscar encarar e pensando os primeiros efeitos desse evento é dito o seguinte pelo filósofo alemão:

Talvez soframos demais as primeiras consequências desse evento – e estas, as suas consequências para nós, não são, ao contrário do que talvez se esperasse, de modo algum tristes e sombrias, mas sim algo difícil de descrever, uma nova espécie de luz, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, aurora... De fato, nós filósofos e “espíritos livres”, ante a notícia que “o velho Deus morreu” nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o *nosso* mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto “mar aberto”. (NIETZSCHE. F., 2012, p.208).

Assim, se a crença no deus cristão, a luz de Nietzsche, perdeu o crédito, o “mar aberto” da qual é descrito pode não nutrir mais esperanças ante a notícia de que o “velho de morreu”². De modo contrário, esse acontecimento permitiria restituir nossos laços com nossa própria ousadia em criar valores e não mais conceber a divindade cristã como promotora deles. Podemos dizer que os nossos valores, neste sentido, poderiam passar a serem pensados e criados por nós mesmos. Que, a saber, seria, em certo sentido, o oposto a tradição cristã. Tendo em vista que esta última possui a crença em que os bons, reais e verdadeiros valores são identificados com o próprio Deus, ou seja, os atributos são atributos à própria divindade. Assim, independentes do olhar humano e da participação humana em concebê-los, os valores da moral cristã seriam compreendidos como verdadeiros por excelência. Cabendo ao homem vivenciar e dedicar-se a seguir uma vida conforme os reais valores instituídos por Deus. Diante dessa moral, Nietzsche questionara dessa maneira e utilizando tais palavras e: “[...] – se o próprio Deus se revela como a nossa mais longa mentira?” (NIETZSCHE. F., 2012, p.210).

Em vista disso, poderíamos dizer que seria sensato e honesto colocar essa questão? Seria verdade que Deus é apenas a nossa mais longa mentira? No fundo uma

²Cf. Nietzsche. Gaia Ciência, §342

mera ficção promovida pelos homens através da história? Procurar responder essas questões pode ser uma tarefa e um exercício válido. Mas, neste momento, não queremos dizer em nossa reflexão que Nietzsche está certo, ou errado, ou se ele se propõe a esta tarefa. No entanto, o que pretendemos explicitar é a importância de apontar o que há de fecundo nessas questões e nos ater a algumas delas. Pois, acreditamos que a possibilidade de questionar o que não é efetivamente questionado, ou pelo menos não tanto posto sob o crivo da dúvida é, em nosso entender, uma tarefa necessária. Visto que, permite-se, assim, que nos deparemos com o problema moral do ocidente. E aqui, o valor dos valores de toda uma cultura é posto em questão. Indaga-se, questiona-se, procura-se avaliar como essa moral cristã tornou-se alvo de reflexão, sobretudo, no quesito da moralidade. Disso, temos em mente que detectar as condições para que exista essa doutrina moral é algo caro ao filosofar de Nietzsche e Camus, pois propicia diretamente a discussão e reflexão sobre o fenômeno da moral.

Partindo desse exame, é certo que um confronto é estabelecido. Certa moral cristã passa a ser alvo de questões. Muito mais que estar sob o crivo da dúvida, o filósofo alemão, diagnostica que o tido mais alto dos valores da civilização ocidental entrou em declínio: “Deus morreu”. Que sentido possui essa afirmativa? Retomemos a expressão do homem louco: “somos todos os seus assassino”. Qual seria a medida, o alcance desse olhar? Certamente uma questão que provocou diversos impasses. E talvez não seja possível indicar ou dimensionar todas as dificuldades desta. No mais, o que nos preocupa, de fato, é apenas realizar a tarefa de averiguar e selecionar alguns desses problemas. Para isso, é essencial, mesmo que brevemente, pontuar o contexto histórico vivido por Nietzsche e por quais caminhos direcionou o seu esforço filosófico.

Disso, atentando-se ao percurso intelectual do autor de *A Gaia Ciência*, podemos conferir que em suas obras salta aos olhos temas pertinentes à sua época. Dentre eles estão assuntos ainda vitais para nossa civilização: ciência, ética, religiosidade e política. A estes assuntos, foi-se dedicado a suspeita sobre os valores contidos em cada um desses temas. Desconfiou-se sobre os fundamentos desses conteúdos. Essa desconfiança, em nosso entender, permitiu que fossem elaboradas refinadas avaliações que assinalava características funestas que eram cultivadas pelos homens de seu tempo. Mesmo sendo inúmeros os problemas, destes nos dedicaremos a um: o niilismo.

2. Considerações sobre o Niilismo

Detectar o nada da vida: seria isso o niilismo? Adiantamos que não percorreremos profundamente sobre esse vasto conteúdo³. Isto é, não procuraremos distinguir as suas

³Franco Volpi publicara a obra intitulada *O Niilismo*. O mesmo busca reconstituir historicamente como o termo apareceu na tradição. Avaliando quais significações terminológicas foram atribuídos ao termo niilismo.

diferentes maneiras concebidas por diversos pensadores e pesquisadores. Mas, importa dizer que este é um termo utilizado, reivindicado e pensado antes mesmo de Nietzsche e, sem sombra de dúvidas, de Camus. No entanto, tanto um como o outro emitiram considerações acerca desse fenômeno. Para ser breve, definiremos aqui neste primeiro momento e, a partir desses dois autores, o niilismo como ausência de sentido à vida. Assinalado isto, Albert Camus (1913-1960) apresenta em seu texto intitulado *Nietzsche e Niilismo* que o filósofo alemão foi o primeiro a tornar esse evento consciente. Sendo, efetivamente, aquele que teve a “consciência mais aguda do niilismo” (CAMUS, Albert., 2008, p.99). Neste momento, não nos interessa saber se ele foi ou não foi o primeiro a fazer isso. Ou se há exagero nessa afirmativa. Entretanto, o que é relevante, para o nosso trabalho, é examinar quais são as justificativas que levaram o filósofo argelino a reconhecer isso em Nietzsche. Vejamos, portanto, como Camus descreve o filósofo e autor de Zarathustra acerca deste evento:

A primeira providência de Nietzsche é aceitar aquilo que conhece. Para ele, o ateísmo é evidente, ele é “construtivo e radical”. A vocação superior de Nietzsche, se acreditamos nele, é provocar uma espécie de crise e de parada decisiva no problema do ateísmo. O mundo marcha ao acaso, ele não tem finalidade. Logo, Deus é inútil, já que ele nada quer. Se quisesse alguma coisa, e aqui se reconhece a formulação tradicional do problema do mal, ser-lhe-ia necessário assumir “uma soma de dor e de ilogismo que diminuiria o valor total do devir”. Sabe-se que Nietzsche invejava publicamente Stendhal pela fórmula: “a única desculpa de Deus é que ele não existe”. Privado da vontade divina, o mundo fica igualmente privado de unidade e finalidade. É por isso que o mundo não pode ser julgado. Todo juízo de valor leva finalmente à calúnia da vida. Julga-se apenas aquilo que é, em relação ao que deveria ser – reino do céu, ideias eternas ou imperativo moral. (CAMUS, Albert., 2008 p.88-89.).

Dois pontos, em nosso entender, chamam-nos atenção nessa descrição expressa por Camus. Primeiramente, o fato de o ateísmo promover uma espécie de “crise” e “parada” diante da questão do ateísmo. E, posteriormente, que diante dessa “crise”, caso ela seja sentida e apreendida, ou vivida plenamente, nós nos depararíamos com o sentimento e a compreensão de que Deus “perdeu” seu lugar. Posto que, durante muito tempo, fora ocupado por Ele. Assim, essa comoção gerada pela experiência de crise comporia a noção de que Deus teria perdido o amplo prestígio na vida entre os homens. Ante esse pensamento e experimento acerca do problema ateu, ou mesmo, perante as dificuldades emergentes acerca da “morte de Deus”, Camus, mais uma vez, comenta outra questão presente em Nietzsche da seguinte forma: “Pode-se viver sem acreditar em nada?” (CAMUS, Albert., 2008, p.86). A resposta para essa indagação é positiva. No entanto, cabe mencionar que o niilista, conforme uma interpretação do autor de *O Homem Revoltado*, “não é aquele que não crê em nada, mas o que não crê no que existe” (CAMUS, Albert., 2008 p.90-91).

E em que sentido é compreendido esse impasse? Como não crê no que existe? Distinguir essas noções acerca do niilismo faz-se necessário. Inicialmente, definimos o niilismo como ausência de sentido à vida e seguidamente apontamos algumas consequências sob o olhar da filosofia Nietzscheana e Camusiana sobre esse evento. Muita embora não explicitamos tanto esta questão. E nem é nosso objetivo, no momento, reconstituir a história do niilismo. Porém, importa lembrar que tal noção fora compreendida e apropriada de distintas maneiras. Muitas vezes, até mesmo possuindo distintas significações num mesmo pensador. Aqui, no caso, Camus adverte que Nietzsche tipifica e aponta que a causa do niilismo surge dentro dos valores que foram tradicionalmente “considerados como freio do niilismo” (CAMUS, Albert, 2008 p.88). E, esses mesmos valores, a saber, são os valores cristãos. Para constituir esta tese, diz-se que a conduta moral posta por Sócrates e o cristianismo é em si mesma o sinal da decadência, uma vez que buscam “substituir o homem de carne e osso por um reflexo de homem” (CAMUS, Albert., 2008, p.88). Vê-se que essa postura moral julga o homem a partir do que não existe, neste sentido, não creem naquilo que está posto, isto é, no aparente. Para ser mais claro, Camus expõe, segundo ele, a partir de Nietzsche, que a postura moral do cristianismo e mesmo atitude “socrática” analisam e julgam as paixões humanas com base na noção de um mundo harmonioso que, por sua vez, seria imaginário. Tendo isto em vista, o filósofo franco-argelino exprime:

Se o niilismo é a incapacidade de acreditar, seu sintoma mais grave não se encontra no ateísmo, mas na incapacidade de acreditar no que existe, de ver o que se faz, de viver o que é oferecido. Está deformação está na base de todo idealismo. A moral não tem fé no mundo. Para Nietzsche, a verdadeira moral não se separa da lucidez. Ele é severo com os “caluniadores do mundo”, porque consegue distinguir, nessa calúnia, o gosto vergonhoso pela evasão. Para ele, a moral tradicional nada mais é do que um caso especial de imoralidade. Diz ele: “É o bem que tem necessidade de ser justificado”. E mais: “Será por motivos morais que um dia se deixará de fazer o bem.” (CAMUS, Albert. 2008., p.88)

Cabe-nos ressaltar que no texto *Nietzsche e o Niilismo*, Albert Camus, busca expor que a filosofia do autor de Zaratustra gira em torno do problema da revolta. Sendo mais preciso, ela, a ser ver, é constituída sobre a revolta. Mencionamos isso apenas para registrar que outros problemas são colocados a partir desse escrito. Sendo oportuno observar que a “morte de Deus” é, conforme Camus, onde Nietzsche parte de sua revolta. Este é o fato que nos interessa: a morte do criador. Em relação à ideia da revolta, não será esforço para sistematizá-la e nem desenvolvê-la. Sendo tarefa nossa, como dito, pontuar e avaliar a questão da moral vinculada ao niilismo, ou a morte de Deus.

Dito isto, acreditamos que a questão do niilismo pode estar intimamente ligada com o diagnóstico da morte de Deus. Esse desfalecimento do Deus cristão desemboca para outra inquietação. No caso, o próprio niilismo. Se se compreendermos como dito acima que o niilismo é ausência de sentido, então, poder-se-ia dizer, não estaríamos desvencilhando-nos de toda moral? Não seria uma extrema decadência para vida humana, para usar as palavras de Camus, “se se fizer da ausência de fé um método”? (CAMUS, Albert. 2008, p.86-87). Conforme o autor de *Estrangeiro*, o niilismo levado às últimas consequências imprimiria nos atos humanos o livramento de qualquer juízo de valor. E Nietzsche em relação ao niilismo parece não ser diferente. Compreendemos que ambos notaram a face nauseante e catastrófica desse feito. Acerca disso, o filósofo franco-argelino expõe em o *Homem Revoltado* (1951) a seguinte coisa sobre de Nietzsche e o Niilismo:

Nietzsche só pensou em função de um apocalipse vindouro, não para exaltá-lo, pois ele adivinhava a face sórdida e calculista que esse apocalipse acabaria assumindo, mas para evita-lo e transformá-lo em renascimento. Ele reconheceu o niilismo e reconheceu como fato clínico. Dizia-se o primeiro niilista realizado da Europa. Não por gosto, mas pela condição, e porque era grande demais para recusar o legado de sua época. Identificou em si mesmo, e nos outros, a impotência de acreditar e o desaparecimento do fundamento primitivo de toda fé, ou seja, a crença na vida. (CAMUS, Albert., 2008, p. 86).

Ou seja, consciente do desaparecimento do fundamento primitivo que apoia toda uma fé, Nietzsche e Camus parecem interpretar que existe uma forma de niilismo em que consiste em dizer que “nada vale a pena”. Sendo assim, tudo seria destituído de valor. E nisso consistiria, num certo sentido, perigo à vida. À vista disso, ambos procuram fazer frente ao niilismo que assim é compreendido⁴. Uma atitude vislumbrada, a nosso entender, é a exigência de um “critério” que possa transformar o niilismo passivo em niilismo ativo. Em *Além do bem e do mal* (1886), um aforismo de Nietzsche situa bem e nos ajuda compreender em que direção pensar-se-ia o niilismo ativo. Sendo, por sua vez, percebido sob o prisma da promoção ou conservação da vida, vejamos:

A falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez nesse ponto que a nossa nova linguagem soa mais estranha. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida, conserva ou até mesmo cultiva a espécie; e a nossa inclinação básica é afirmar que os juízos mais falsos (entre os quais os juízes sintéticos *a priori*) nos são os mais indispensáveis, que, sem permitir a vigência das ficções lógicas, sem medir a realidade com o mundo puramente inventado do absoluto, do igual a si mesmo, o homem não poderia viver – que renunciar os juízos falsos equivale

⁴Cf. DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Segundo a autora, o sentido da morte de Deus é ambivalente. Pois embora novos caminhos possam surgir desse acontecimento, os imensos riscos e perigos são iminentes. Para Rosa, um deles é o niilismo passivo. Postura que compreende e pensa que “tudo é vão e nada vale a pena”. Longe de agir assim, Nietzsche busca agir como médico da civilização. Tentando confrontar esse tipo de niilismo. (p.12-13).

a renunciar à vida, negar a vida. Reconhecer a inverdade como condição de vida: isto significa, sem dúvida, enfrentar de maneira perigosa os habituais sentimentos de valor; e uma filosofia que se atreve a fazê-lo se coloca, apenas por isso, além do bem e do mal. (NIETZSCHE, F., 2011, p 11).

Primeiramente, é evidente que o termo niilismo ativo não é precisado nesta colocação nietzschiana. Porém, esse aforismo nos é pertinente na medida em que conseguimos visualizar nele a ideia de que a falsidade não chega a ser encarada, necessariamente, como algo a que temos que nos contrapor. Consciente do niilismo passivo e a fim de evitar a radicalidade de suas consequências, Nietzsche considera que a questão dos juízos que promovem ou não a vida deve ser frisada. Problema que tanto Nietzsche como Camus parecem compartilhar. Por outro lado, segue-se conjuntamente a esta noção de que, no fundo, a vida e o mundo não possuem uma verdadeira finalidade. Não tendo, portanto, um verdadeiro sentido. Assim sendo, a vida seria percebida na dimensão do “erro”.

Ainda, acompanhando os passos de pensar tipos de juízos que promovam a vida, Nietzsche, por exemplo, é percebido sob a ótica de “médico da civilização”. Rosa Dias⁵ assinala esta noção em seu livro *Nietzsche, vida como obra de arte*. Segue-se disso, a ideia de que o filósofo possui “responsabilidade mais ampla” (NIETZSCHE, F., 2012, p.58). Pois, consciente de um niilismo passivo e radical, o filósofo alemão, entendia e indicava, conforme Rosa, a necessidade de haver uma educação para o ser humano que contribuísse para sua “evolução”. Dessa forma, seria possível confrontar o “absurdo” da existência, ou seja, o niilismo. Nosso intuito em mencionar isto, é apontar que essa ideia pode estar próxima ao engajamento filosófico de Albert Camus⁶. Visto que o mesmo acolhe a seu modo, e de forma semelhante ao autor de Zaratustra, a vida como critério e grande valor. Destacando, cada um a seu modo, no horizonte de suas filosofias, o problema aqui já dito: quais os juízos que promovem ou conservam a vida? Posto isto, atentamos em dizer que acreditamos que mesmo distanciados pelo tempo e contextos históricos distintos, ambos os pensadores aqui analisados emitiram considerações ou mesmo se posicionaram de forma similar acerca de temas que são comuns aos dois. Importa precisar também que mesmo que não sejam a todo o momento posturas convergentes, pensamos que, é possível sim, avaliar esse vínculo entre esses dois grandes autores.

Diante dessas ponderações, pontuamos que tanto Camus como Nietzsche não permanecem, ou pelo menos não tentam fixar-se neste tipo de niilismo passivo,

⁵ Doutora em filosofia Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rosa é autora de livros como *Nietzsche educador*, *Nietzsche e a música* e *Amizade estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*.

⁶ Não queremos forçar uma interpretação que compreende Albert Camus como “médico da civilização”. No entanto, essa noção desenvolvida em “Além do Bem e do Mal”, obra de Nietzsche, serve-nos na medida em que lança luzes acerca do tema do niilismo. E nossa pesquisa, compreende que Camus visa enfrentar esse tipo de niilismo passivo. Assim como Nietzsche enfrentou a seu modo em outrora.

percebido como algo destrutivo à vida. E como acentuamos neste artigo em outro instante, fora assinalado que o niilismo emergiu dentro dos valores que tradicionalmente foram considerados como sua trava. Sendo esta a própria doutrina cristã. Contudo, compete-nos frisar que o ataque ao cristianismo visa apenas à sua moral. O autor de *O Homem Revoltado* destaca que Nietzsche resguarda a figura de Cristo e outros aspectos cínicos da igreja. A respeito disso, comentando ainda a posição de Zaratustra diante do cristianismo, Camus diz:

Qual é a corrupção profunda que o cristianismo acrescenta à mensagem do senhor? A ideia de julgamento, estranha aos ensinamentos de Cristo, e as noções correlativas de castigo e de recompensa. A partir desse instante, a natureza torna-se história, e história significativa: nasce a ideia de totalidade humana. Da boa-nova ao juízo final, a humanidade não tem outra tarefa senão conformar-se com os fins expressamente morais de um relato escrito por antecipação. A única diferença é que os personagens, no epílogo, dividem-se a si próprios em bons e maus. (CAMUS, Albert., 2008, p.90)

Enquanto isso, o único julgamento de Cristo quanto a esta questão consistiria “em dizer que os pecados da natureza não têm importância” e, contrariamente, “o cristianismo histórico fará de toda a natureza fonte de pecado” (CAMUS, Albert., 2008, p.90). Esta última, especialmente, acredita lutar contra o niilismo. Visto que, pensa-se que o sentido à vida é dado pelo próprio Deus. Além de que, a vida e o cosmos contém uma teleologia. Por outro lado, a hipótese diversa apresentada por Nietzsche, segundo Camus, diverge. Nela preza-se a ideia de que inexiste uma real finalidade à vida. Sustentar essa noção entra, sem rodeios, em confronto com certa moral cristã. Esse raciocínio sobre este tema, num certo sentido, nos parece ser um ponto discutível em Nietzsche e em Camus. Porém, sabe-se que tanto um como o outro não ficam restringidos a contemplar essa evidência. O primeiro, autor de *Humano Demasiado Humano* (1886), vê que a moral requer ilusão, vive de ilusão. Postura que, no mínimo, seria uma grande heresia à moral cristã em certas épocas, ou mesmo nos dias de hoje. Pois conceber a verdade, a moral, ou a justiça, isto é, valores caros à nossa civilização como ilusão é, certamente, afrontar e questionar o que tanto é apresentado para nós como fidedigno e verossímil. Em outras palavras, discute-se com a crença nesse Deus e com essa ideia de finalidade. Sendo esta última, algo que é identificada ao poderosíssimo patriarca dos valores do ocidente cristão. Ainda problematizando essa questão, sobre nossa relação como o valor dos valores, Nietzsche diz:

“Não é possível revirar todos os valores? E o Bem e o Mal? E Deus apenas uma invenção e finura do Demônio? Seria tudo falso, afinal? E se todos somos enganados, por isso mesmo não somos também enganadores? não *temos* de ser também enganadores?” – tais pensamentos o conduzem e seduzem, sempre mais à parte. (NIETZSCHE, F., 2011, p.10)

Enunciada essas questões, podemos nos colocar certas exigências. Para que, assim, possamos tentar cumprir a nossa tarefa em apontar o elo entre a morte de Deus e o niilismo. Desse modo, cremos ser necessário interpretar e situar duas noções fundamentais em Nietzsche: o método filosofar-histórico e o procedimento genealógico. Colocar essas duas questões têm sua devida importância, uma vez que nos ajudam a compreender e apresentar como foram realizadas tantas questões, em especial, esta que problematiza a questão da morte de Deus.

Como se sabe, Nietzsche evidenciou, em sua obra *Humano Demasiado Humano* (1878,1886), um novo método, a saber, o método do filosofar histórico. E em que consistiria esse “mais novo modelo dos métodos filosóficos?” (NIETZSCHE, F.,2011, p.15). À luz do próprio livro, o autor nos apresenta que aos filósofos faltara comprometimento, tanto o método ligado à “virtude da modéstia” como a história, disso o mesmo escreve que:

Mas tudo o que o filósofo declara sobre o homem, no fundo, não passa de testemunho sobre o homem de um espaço de tempo *bem limitado*. Falta de sentido histórico é o defeito hereditário de todos os filósofos; [...] Não querem aprender que homem veio a ser, e que mesmo a faculdade de cognição veio a ser; enquanto alguns deles querem inclusive que o mundo inteiro seja tecido e derivado dessa faculdade de cognição. O filósofo, porém, vê “instintos” no homem atual e supõe que estejam entre os fatos inalteráveis do homem, e que possam então fornecer uma chave da compreensão do mundo em geral: toda a teleologia se baseia no fato de se tratar o homem dos quatro últimos milênios como um ser *eterno*, para o qual se dirigem todas as coisas do mundo, desde o seu início. Mas tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas. – Portanto, o filosofar histórico é doravante necessário, e com ele a virtude da modéstia. (NIETZSCHE, F., 2011, p.16).

Pode-se dizer, que os filósofos à qual Nietzsche se refere, veem o mundo como fato inalterável. Portanto, pensam à maneira exata. Concisos de toda verdade. Em vista disso, ele pontua a necessidade do filosofar histórico conjuntamente a modéstia. Pois, a ser ver, sua postura sobre qualquer tema pode ser acrescida de novas formas, novos valores. E ampliando ainda mais certos cuidados, Nietzsche, após a publicação de *Humano Demasiado Humano*, assinala no prólogo de sua *Genealogia da Moral* (1887) que ainda vincula-se a esse modelo metodológico, porém esclarece que adota o método do filosofar histórico juntamente com filologia e psicologia. A junção disso, ao que parece, contribuiu para que fosse possível formular o seguinte problema:

[...] sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau” e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração de vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (NIETZSCHE, F., 2012, p.9).

Levantadas essas questões, muito provavelmente, diga-se de passagem, faremos uso impróprio delas. Mas é-nos essencial para refletir um problema em Nietzsche e nas observações realizadas por Camus no texto *Nietzsche e o Niilismo*. E este ponto é, por sua vez, a percepção em que a noção da moralidade não é compreendida como sendo proveniente de Deus. Ou se era, é, senão, aquele Deus moral. No fundo, o que queremos explicitar é que seu procedimento busca saber qual fora as condições que o homem criou para si os juízos do valor “bom” e “mau” e, ainda mais, quer-se conhecer que valor os valores possuem. Compete-nos lembrar neste presente trabalho que os temas do “bom” e “mau” são examinados a respeito do problema da morte de Deus. Assunto que, sem dúvida, provoca respostas diversas, no fundo, hipóteses. E realizamos o emprego desses problemas e questões na tentativa de registrar que mesmo com a perda da credibilidade na fé do cristianismo, os valores, dentro do niilismo, são postos impasses discutíveis. Com relação a isto, temos, por certo, que não se deixa de pensar a moral só porque o considerado mais alto valor dos valores decaiu. Afinal, como apresentamos a partir dos dois autores, que esse evento nos traz mais riscos, novas respostas e investigações, etc., e acompanhado a essa “experimentações do pensamento”, Nietzsche declara uma fina consciência pluralista, uma vez que compartilha de uma forma de fazer filosofia mais intuitiva muito mais que sistemática. Sem deixar, por sua vez, o esforço de ter coerência.

2.1. Camus: leitor de Nietzsche

O que ecoa no texto *Nietzsche e o Niilismo* presente na obra o *Homem Revoltado* (1951) é, diga-se de passagem, um testemunho e uma confiança à defesa de Nietzsche. Não sem críticas. Entretanto, para Camus, assim como no caso de Karl Marx, o autor de *Zaratustra* foi um dos filósofos mais negligenciados na *história da inteligência*. Disso, faz-se presente a preocupação em defendê-lo. Sendo esta questão fundada, principalmente, diante do fato em que o nacional-socialismo (Regime Nazista) apropriou-se do pensamento de Nietzsche. E sendo-o acolhido por este, o mesmo, serviria para justificar que a doutrina do “além do homem” seria uma distinção clara e útil para apresentar quem são os “verdadeiros alemães”. Conseqüentemente, aos olhos do autor argelino, produzir-se-ia a partir desses raciocínios uma fábrica “metódica de

sub-homens” (CAMUS, Albert., 2008, p. 97). Desembocando, assim, se levamos isso às suas últimas consequências às guerras e aos campos de concentrações nazistas.

Tal fato é mencionado, uma vez que o pensamento nietzschiano fora apropriado ideologicamente pela política nazista e banalizado a fim de justificar o fascismo deste regime político. Neste sentido, a má leitura de Nietzsche sob um contexto totalitário e banal, pode, como pensa Camus, provocar reais implicações à vida. Mas, reafirmamos que a interpretação sobre o pensamento de Nietzsche nos parece ser compreendida somente num contexto específico. Sendo este: o totalitarismo. Em outra oportunidade, talvez, dedicaremos melhor o esforço empenhado por Camus em fazer justiça à Nietzsche. Neste instante, cabe salientar que é preciso, antes de tudo, elaborar uma defesa que distinga seu pensamento da maquinaria nazista. Atentando-se para esse ponto, seguimos à nossa reflexão e, mais uma vez, ela retorna ao niilismo. Relembrando que o filósofo franco-argelino considera que esse problema tornou-se verdadeiramente consciente com o filósofo alemão. Acrescentado que, a ser ver, a condição histórica vivida no século XIX permitiu que fosse possível constatar o declínio dos valores mais caros à nossa civilização ocidental. Assim, com a “morte de Deus”, podíamos nos perguntar como ficaria a vida em comunidade, como ficaria a vida moral? Se o “Pai dos valores” morreu na alma dos homens do século XIX em que Nietzsche viveu, os valores, por assim dizer, não seriam validados de qualquer maneira? Não seria verdadeiro dizer que longe de uma moralidade divina, tudo seria permitido? Legitimado? Sobre o filósofo autor de Zaratustra, Camus diz o seguinte:

Por ser um espírito livre, Nietzsche sabia que a liberdade do espírito não é um conforto, mas uma grandeza que se quer e obtém, uma vez ou outra, com uma luta extenuante. Ele sabia que, quando se quer ficar acima da lei, se corre o grande risco de se achar abaixo dessa lei. Compreendeu por isso que o espírito só encontrava a sua verdadeira emancipação na aceitação de novos deveres. O essencial de sua descoberta consiste em dizer que, se a lei eterna não é a liberdade, a ausência de lei o é ainda menos. (CAMUS, Albert., 2008, p.92).

O primeiro ponto a ser comentado disso é que, no entender de Camus, Nietzsche não se furta desta descoberta. Além de que, detectamos que salta aos olhos dos dois filósofos que se o homem destituiu Deus de seu trono, novos deveres, podem ou devem surgir. E caso dermos razão à Nietzsche, segundo Camus, certamente nós seríamos levados metodicamente ao seu niilismo. No entanto, não fixar-se no que há de pior no niilismo é uma postura comum aos dois autores. A fim de enfrentar o problema, Camus manifesta acerca da morte de Deus a seguinte imagem:

“Quando não se encontra a grandeza em Deus”, diz Nietzsche, “ela não é encontrada em lugar algum; é preciso negá-la ou criá-la.” Negá-la era tarefa

do mundo que o cercava e que via correr para o suicídio. Criá-la foi a tarefa sobre-humana pela qual ele se dispôs a morrer (CAMUS, Albert., 2008, p.93).

Sob esta perspectiva, consideramos que a reflexão acerca do niilismo, evento percebido como oriundo da “morte Deus”, pode suscitar a nós uma nova maneira de se relacionar com o mundo caso dermos abertura para esse experimento. Que consiste, nada mais e nada menos, no vertiginoso esforço de transvalorar o valor dos valores.

Referências Bibliográficas

CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado* (Valerie Rumjanek). 7ª ed. São Paulo. Record, 2008.

VOLPI, Franco. *O Nihilismo* (Trad. Aldo Vannuchi). 2ª ed. São Paulo: Edições Loyala, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*

(Trad. Paulo César de Sousa). 12ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *A Gaia Ciência* (Trad. Paulo César de Sousa). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Genealogia da Moral: uma polêmica* (Trad. Paulo César de Sousa). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Humano, Demasiado Humano* (Trad. Paulo César de Sousa). 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.